

Os trilhos anatômicos

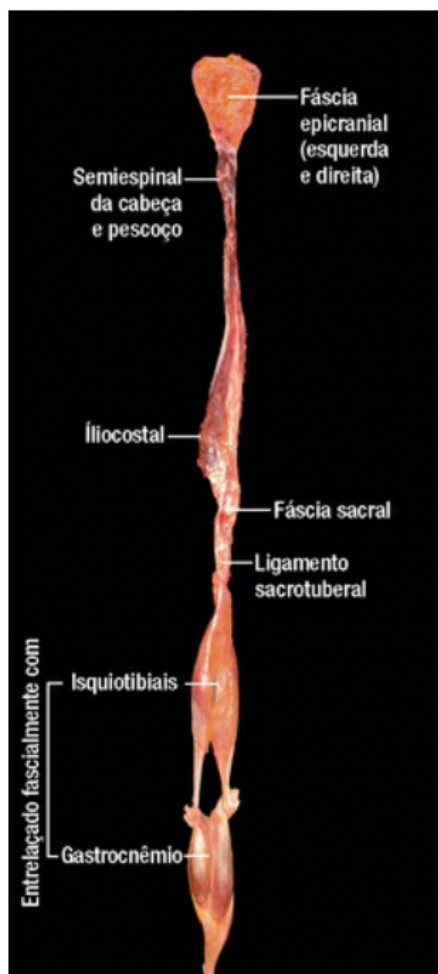
(retirado do Livro de Tom Myers, de mesmo título)

O mapa dos Trilhos Anatômicos prevê, essencialmente, uma anatomia longitudinal – um esboço das fibras de tração longas e profundas na musculatura como um todo. Isto é, um ponto de vista sistêmico oferecido como um complemento (e em alguns casos, como uma alternativa) para análise do padrão da ação muscular.

Esta análise padrão pode raramente ser chamada de “teoria do músculo isolado”. Quase todo o texto apresenta a função muscular isolando um músculo individual sobre o esqueleto, dividindo as suas conexões em acima ou abaixo, aparando as suas conexões neurológicas e vasculares e separando-se das estruturas adjacentes regionais.

Esta apresentação, frequentemente encontrada, define a função muscular somente pelo que acontece próximo dos pontos de fixação proximal e distal. A visão predominantemente aceita é que os músculos ligados aos ossos possuem uma função única de aproximar os dois terminais ou resistir às tensões.

Ocasionalmente, o papel da miofásia em relação aos seus vizinhos é detalhado (como o papel que o vasto lateral tem em empurrar para fora, e com isso, prètensionando o trato iliotibial). As conexões longitudinais entre os músculos e fásias listadas, ou as respectivas funções discutidas (como por exemplo, a grande ligação entre o músculo ilíaco e do septo intermuscular medial da coxa e do vasto medial, quase nunca estão presentes.



O predomínio absoluto da apresentação do músculo isolado como a primeira e última palavra em anatomia muscular (juntamente com a convicção de que a complexidade do movimento humano é ingênua e reducionista, e que a estabilidade pode ser obtida somando-se as ações dos músculos individuais) permite que a atual geração de terapeutas pense de outra forma.

Entretanto, esta forma de ver e definir os músculos é simplesmente um artefato do nosso método de dissecação – com uma faca na mão, os músculos individuais são fáceis de separar em torno dos planos fasciais. Porém, isso não significa que esta é a forma como o corpo “pensa” ou é biologicamente montado. É um modo de saber se um “músculo” é uma divisão útil para a cinesiologia do próprio corpo.

Se a eliminação do conceito músculo como uma unidade fisiológica é muito radical para a maioria de nós aceitar, podemos então colocar esse aspecto da seguinte forma: com o objetivo de atingir o progresso, terapeutas contemporâneos precisam pensar “fora da caixa” deste conceito muscular isolado. Investigações de apoio a este tipo de pensamento sistêmico serão citadas ao longo deste livro, como a maneira que nós trabalhamos através das implicações da transição para além do “músculo isolado” para vermos os efeitos sistêmicos.

Esta teoria é uma tentativa de avançar – não negando, mas complementando a visão local padrão – reunindo estruturas miofasciais ligadas nesta imagem dos “meridianos miofasciais”. Devemos ser claros que “Trilhos Anatômicos” não é uma ciência estabelecida – este livro vai além

da investigação – mas ao mesmo tempo, ficamos muito satisfeitos com a aplicação bem adequada dos conceitos na prática clínica.

Uma vez que os padrões específicos desses meridianos miofasciais são reconhecidos e as conexões ligadas, podem ser facilmente aplicadas na avaliação e tratamento através de uma variedade de abordagens terapêuticas e educacionais para facilitar o movimento. Os conceitos podem ser apresentados em qualquer uma das várias formas, este texto tenta encontrar um equilíbrio que atenda as necessidades informadas pelo terapeuta, e ainda permanecer dentro do alcance do atleta, cliente ou aluno interessado.

Esteticamente, a compreensão dos esquemas, Trilhos Anatômicos conduzirá a uma sensação de mais de três dimensões de anatomia musculoesquelético e uma apreciação de padrões do corpo inteiro, distribuindo compensações do dia a dia e do desempenho funcional. Clinicamente, isto leva a uma compreensão diretamente aplicável de como os problemas dolorosos em uma determinada área do corpo podem estar ligados a uma área totalmente “silenciosa” transferindo o problema. Inesperadamente, novas estratégias de tratamento surgem da aplicação da “anatomia conectada”, ponto de vista prático para os desafios diários de terapia manual e do movimento.

Embora algumas evidências preliminares dissecadoras sejam apresentadas nesta edição, é realmente cedo para este processo de investigação reivindicar uma realidade objetiva para essas linhas. Mais exames dos prováveis mecanismos de comunicação ao longo desses meridianos fasciais seriam especialmente bem vindos. Como já foi descrito, o conceito Trilhos Anatômicos é apresentado apenas como um mapa alternativo potencialmente útil, uma visão sistêmica das conexões longitudinais na miofáscia.

Linha posterior



Linha superficial anterior



Linha lateral



Linha espiral



